Pracinha
Mães Brasileiras de Virginia
volume 32 – Abril de 2010

A Primavera chega trazendo não apenas flores e cores, mas também mais uma edição do Pracinha MBV! Nesta edição primaveril, parabenizamos o comitê do jornal pelos 4 anos de existência. Foram 4 anos divulgando notícias, informações e entretenimento a todas as mães do grupo. Homenageamos, ao longo desses anos, 32 mulheres "poderosas" (como dizia Maria Helena), dividimos as receitas mais cobiçadas, e rimos muito com as pérolas de nossas crianças. Registramos os nascimentos de nossos filhos, a chegada e a partida de muitas mães e o crescimento da ABRACE - Associação Brasileira de Cultura e Educação. Celebramos as festas brasileiras, os playgroups e os eventos beneficentes que ajudaram os menos favorecidos no nosso amado Brasil.

Nesta edição, portanto, conheceremos um pouco da vida de uma das pessoas que mais contribuíram para o Pracinha MBV ao longo desses 4 anos: Érica Lima de Paulo, a mãe da Clarissa e do Rodrigo. Contamos, também, com três novidades: a participação da Kellen Mello, Tatiana Hardin e Rita Roque-Schmith, além de muita diversão e informação!

Que os campos floresçam e tragam alegria a todas! Feliz Aniversário, Pracinha MBV!

Lembramos nosso e-mail, pracinha_mbv@yahoo.com, para comentários, críticas, sugestões e envios de artigos.

Perfil

Perfil do mês: Érica Lima de Paulo

O Perfil deste mês é um pouco diferente. A nossa entrevistada é a Érica Lima de Paulo. Para quem não a conhece ou é nova no grupo, a Érica, uma das primeiras participantes do MBV, voltou para o Brasil recentemente. Deixou para trás muitas saudades e um vácuo que estamos tentando preencher um pouquinho agora, com esse perfil que, na verdade, é meio perfil e meio homenagem. Também pensamos que seria interessante saber como foi a volta para o Brasil depois de oito anos nos EUA. A readaptação, a reação dos filhos... Enfim, a nova realidade.

A Érica é casada com João Vicente e tem dois filhos: Clarissa (6 anos e meio) e Rodrigo (3 anos e 8 meses). É tradutora profissional, com mestrado em linguística aplicada pela Unicamp e doutorado em teoria literária pela Unesp. No Brasil, antes de vir para os EUA, dava aulas em universidades, especialmente no curso de letras. Trabalhou muito com linguística e também com teoria e prática de tradução.

Mas esta introdução está ficando muito longa. Segue a entrevista, sem mais demoras:

Érica e João Vicente

Pracinha: O início do romance:
Érica: Em julho de 2001 fui a um congresso de tradução em Minas Gerais, onde conheci o João Vicente. Ele é tradutor e na época tinha sido contratado pela UnB como professor substituto, por isso estava no congresso. Começou aí a mudança total na minha vida. Ele de Brasília, eu de São José

do Rio Preto (interior de São Paulo), fomos nos conhecer em Belo Horizonte. Ficamos juntos durante o congresso e duas semanas depois ele foi passar um final de semana em Rio Preto. Depois disso foram idas e vindas até setembro, quando ele foi para Washington, DC fazer uma entrevista de emprego no FMI. De lá mesmo ele me pediu em casamento, por telefone, no meio da madrugada, três meses depois de ter me conhecido. Ele diz que ficou surpreso quando eu disse sim. Eu fiquei surpresa de ter aceitado...

Pracinha: O casamento e a vinda para os EUA:
Érica: O João Vicente precisava ir para Los Angeles em outubro e me propôs que fosse encontrá-lo, assim eu poderia conhecer os EUA e poderíamos nos conhecer melhor antes do casamento. A proposta era que fosse a nossa lua-de-mel adiantada. Eu fui, ficamos uma semana entre Los Angeles e Las Vegas. No último dia, estávamos no elevador, ele começou a dançar e bateu com o cotovelo no meu olho. Nem preciso dizer que ficou super roxo. Foi difícil convencer meu pai que tinha sido um acidente. Mais difícil ainda foi convencer meu maquiador a fazer algo que escondesse o roxo, porque nos casamos no cartório dois dias depois de chegarmos ao Brasil. O casamento mesmo, no religioso, com festa e tudo, foi em dezembro. Se não fizesse um casamento tradicional minha mãe não iria me perdoar. Eu já estava fazendo tudo o que ela não queria: me casando com alguém praticamente desconhecido e indo morar do outro lado do Equador, em um país que nunca foi o dos meus sonhos. Sair correndo, sem me despedir da família toda e dos amigos, inclusive os de infância, estava fora de cogitação.

Érica com os filhos Clarissa e Rodrigo

Pracinha: A vida nos EUA:
Érica: Ficamos 8 anos em Virgínia. Aprendi muito, de muitas formas e com muita gente. Trabalhei no consulado do Brasil por 6 meses, dei aulas de língua portuguesa para estrangeiros por 4 anos em Arlington (*Adult Education Program*) e por quase 2 anos na *Georgetown University*. Também trabalhei por um ano no BID, com *Advanced Portuguese*. Com essas aulas, aprendi mais da cultura americana do que poderia imaginar e comecei a ver a cultura brasileira também com outros olhos – ou com os olhos do outro. Serviu principalmente para que eu revesse os vários estereótipos que temos da cultura americana e da brasileira.

Pracinha: A volta:
Érica: Voltamos para o Brasil porque o departamento onde meu marido trabalhava foi praticamente extinto e as minhas aulas não justificavam nossa permanência nos EUA. Além disso, com o desligamento do FMI também íamos ficar sem o visto, o que complicaria ainda mais as coisas. Somamos a esses fatores o fato de as crianças estarem pequenas, o que facilitaria o processo de adaptação, e um questionamento que eu já vinha me fazendo: se apenas um mês por ano no Brasil daria a eles a oportunidade de realmente "falarem a minha língua", com tudo o que isso implica, especialmente o jeito brasileiro de ser, com todos os problemas, mas também com todo o calor humano e a flexibilidade. Uma última coisa, ou talvez a primeira delas: pesou a distância da família. Dar aos meus filhos a oportunidade de sentir o amor incondicional dos avós, das bisavós, dos tios, dos primos, enfim, de toda a família, para mim, como diriam aí, é *priceless*.

Pracinha: De quê sente falta dos EUA:
Érica: Dos amigos que fizemos aí e que foram nossa família em vários sentidos. Conheci muitas famílias quando a Clarissa tinha pouco mais de um ano. De muitas delas vi o segundo filho nascer e participei das diferentes fases dos filhos mais velhos. Sinto falta da convivência, dos almoços de domingo, de deixar minhas crianças brincando com os amiguinhos sem preocupação. Alguns desses amigos saíram de Virgínia antes de mim e eu senti bastante o fato de estar em um lugar onde nem sempre o estrangeiro cria raízes. Grande parte de nós está aí por causa do trabalho – próprio ou do marido – e muitas vezes não tem ninguém da família por perto, e acaba sendo inevitável se acostumar com mudanças para outros lugares. Isso deixa um vazio para quem fica. Do país mesmo acho que, principalmente, vou sentir falta das quatro estações bem definidas. Sempre curti muito observar a natureza nas diferentes estações, o que absolutamente não acontece aqui. Também sinto falta dos parques, dos museus, dos cursos do *Parktakes*, porque sempre fui de aproveitar o que o lugar tem a oferecer, mas logo saberei o que a região onde estamos oferece e daí passarei a curtir

aqui também. Acho que não tem sentido viver em um lugar se não se pode viver o lugar, e todo lugar tem coisas especiais.

Pracinha: As primeiras impressões do Brasil:
Érica: Um ponto positivo da volta é que, por mais que seja uma cidade nova, escola nova, trabalho novo, o país é o seu, você não é imigrante e sabe como agir dentro da sua cultura. Por mais que tenha sentido diferenças de quando saí para agora (saí solteira, voltei casada e com dois filhos), ainda assim não é preciso pensar antes de agir, mesmo nas situações mais banais do dia-a-dia. Muita coisa acontece automaticamente porque já está lá, no inconsciente, o que não acontece quando você vai para outro país. Estranhei um pouco a lentidão para se resolver qualquer coisa, mas pensando em nosso início nos EUA também me lembro de ter demorado séculos para conseguir a carteira de motorista porque não tinha dois documentos com foto (só o passaporte). Também tenho achado tudo muito caro. Enfim, lugar perfeito não existe, não é isso que dizem?

Pracinha: A adaptação:
Érica: Viemos para começar tudo de novo: sem casa, sem trabalho, sem cidade. Escolhemos Vinhedo por ser perto de São Paulo (onde está grande parte da minha família) e por ter fama de ainda manter a qualidade de vida de cidade pequena, além de ter uma escola internacional para as crianças, um dos pontos essenciais para nós que queríamos manter o bilinguismo. Estamos morando em um condomínio que nos dá uma sensação de segurança como a que tínhamos aí (que, no final das contas, pode ser meio ilusória, mas isso já são outros quinhentos!). Chegamos no dia 23 de janeiro e as crianças começaram a escola no dia 01 de fevereiro. O Rodrigo sofreu na primeira semana com o calor e com o horário da escola (7:30-15h), mas depois se acostumou e agora ama a escola, os amiguinhos, os professores, enfim, curte muito mais do que curtia aí. A Clarissa ainda reclama um pouco. Eu atribuo isso a dois fatores: a escola dela daí era excelente, com uma estrutura incomparável, e ela teve que aprender a ler e a escrever em português a toque de caixa. Ela teve a primeira prova na semana passada e tirou 9,5. Desde então, as reclamações diminuíram. Eu fiz um concurso para uma substituição e comecei a dar aulas de linguística na PUC de Campinas no dia 01 de março. O João Vicente quer trabalhar como tradutor *freelancer* e está, aos poucos, refazendo a carteira de clientes. O mais importante, para nós mães, é ver os filhos felizes. E eles estão. No geral, *life is good*...

Um grande abraço para todas vocês e aproveitem muito o que o país e o MBV têm a oferecer, e quando vierem para a terrinha, apareçam para aquele churrasquinho básico!

Notícias do Grupo

ABRACE

A ABRACE (Associação Brasileira de Cultura e Educação) começou 2010 a todo vapor. Além das aulas de português para crianças brasileiras, que começaram no dia 20 de fevereiro com 4 turmas de pré-escola e 5 turmas de alfabetização, teve início o ciclo de palestras promovido pela ABRACE para pais de alunos e a comunidade brasileira em geral.

A primeira palestra do semestre, realizada no dia 6 de março, foi ministrada pelo Primeiro Secretário do Consulado Brasileiro em Washington, Bernardo Brasil, que explicou como é realizado o trabalho do consulado junto aos brasileiros e esclareceu muitas dúvidas dos presentes. Muitos temas importantes foram abordados, como o atendimento aos brasileiros em situação irregular, renovação do passaporte, matrícula consular e documentação em geral. "Não é possível dizer com certeza, mas estimamos que haja cerca de 4 milhões de brasileiros morando fora do Brasil. Temos um país de brasileiros no exterior e estamos tentando responder a isso, tomando várias medidas para mudar o perfil do que é a assistência consular ao brasileiro no exterior", disse o palestrante.

"Eventos como este são importantes para sabermos o que o consulado está fazendo, e também para que ele saiba quais são as nossas necessidades", disse a brasileira Cláudia Gomes, após assistir à palestra atentamente. "Achei que, como forma de comunicação inicial, foi uma palestra fantástica. Deveria haver mais debates como este".

O Primeiro Secretário, em entrevista à Assessoria de Comunicação da ABRACE, falou sobre o trabalho que a ONG realiza com as crianças. "Os pais que têm filhos aqui e optam por ensiná-los apenas uma língua e uma só cultura estão optando pela ignorância do seu filho, pois eles estão numa fase de aprendizagem em que os valores morais e culturais são absorvidos com facilidade. Se uma criança brasileira que mora nos Estados Unidos tiver contato com brasileiros, com a língua portuguesa e com as nossas raízes, poderá ser um brasileiro e americano ao mesmo tempo. Uma coisa não anula a outra, mas acrescenta riqueza e conhecimento", finalizou Bernardo Brasil.

Clube de Teatro da ABRACE

A ABRACE, a partir de pedidos de mães e pais da nossa região, pesquisou, desenvolveu e deu início ao Clubinho de Teatro ABRACE. Essa nova empreitada já está "a mil" e com uma turminha de mais de 10 crianças comprometidas a usar a criatividade em português e a brincar enquanto aprendem com a professora Mariana Soares, atriz, bailarina e também professora de ioga.

Através de jogos de imitação e criação, de exercícios de expressão corporal e oral, a criança é estimulada a descobrir a si própria, ao outro e ao mundo que a rodeia. A importância da cooperação e da responsabilidade para o sucesso de um trabalho em que todos são interdependentes é naturalmente enfatizada nas aulas. Se você quiser saber mais um pouquinho sobre esse programa é só falar com a Aline, diretora e coordenadora do Clubinho. O e-mail dela é alinemotabrito@gmail.com. Participe! Ajude a plantar a semente da arte, da cultura e da educação para as novas gerações dos nossos brasileirinhos nos EUA!

Festas e eventos

No dia 13 de Fevereiro, o MBV pulou Carnaval! A festa aconteceu no salão da *Mclean Baptist Church* e foi um sucesso total. Muita gente bonita e fantasiada, boa música, linda decoração, excelente comida e muita animação. Parabéns para o comitê de organização, que foi composto por Luiza Wilson, Janete Callahan, Ana Lucia Lico, Fernanda Black, Flavia Bonfadini e ainda contou com a colaboração da Priscila Melendez.

Crianças e adultos curtiram igualmente a festa de Carnaval do MBV

No dia 6 de março, cinco mulheres brasileiras não deixaram o Dia Internacional da Mulher passar batido. Maria Teresa, Francine Fadyen, Sabrina Seeds, Paula Oglesby e Janete Callahan se encontraram no La Madeleine em Vienna para um jantarzinho aconchegante.

ASB

Com a chegada de quatro novas voluntárias, o ASB – Ação Social Brasil, comitê formado com o intuito de angariar fundos para instituições de caridade no Brasil, entra no ano com força total. Fiquem de olho, pois o comitê promete trazer muitas atividades e eventos nos próximos meses, começando com um *Yard Sale* no dia 1.º de maio. "Faremos dois *garage sales*, um agora em maio, outro provavelmente em setembro", diz Alessandra Blasquez, uma das integrantes do ASB. "Rifaremos 200 nomes para a cesta de Natal, por isso a venda da rifa começará bem mais cedo este ano, e também teremos umas aulas de culinária pra arrecadar mais alguns trocados!", arremata Alessandra.

O ASB agora é formado por Alessandra Blasquez, Cristiane Crozat, Janete Callahan, Kellen Mello, Luciana Marques, Maria Tereza Souza, Mariane Garbaliauskas, Marina Farias e Wandira Schierloh. Parabéns ao comitê pelo lindo trabalho!

Chegadas e despedidas

Informamos a saída voluntária da Stefania Beraldo no dia 6 de março.

Bem-vindas as novas integrantes do MBV, Flavia Luz, Carolina Molinari, Ana Luiza Fortes, Stella Guillen, Emiliana Cavalcante, Suely Harada, Greicy Amjadi, Calliandra Harris, Vera de Mello, Daniela Diamant e Caroline Mylius.

Aproveitamos para também informar que o Pracinha está aberto à participação geral. Idéias, sugestões, críticas, elogios? Entrem em contato pelo nosso e-mail: pracinha_mbv@yahoo.com.

Coisas de Criança

- Os filhos da Leila Ribeiro, Sophia (6) e Lucas (4), que se dão super bem *quase* o tempo todo, tiveram um desentendimento enquanto brincavam, e a Sophia disse para o irmão, zangada:
  - Lucas, se você fizer isso eu não vou gostar mais de você.
  E o Lucas, que adora a irmã, perguntou preocupado:
  - Sophia, você ainda gosta de mim, né? Eu quero que você goste de mim.
  Ao que a Sophia, em tom solene, respondeu.
  - Lucas, você tem que entender que as coisas não acontecem sempre do jeito que a gente quer.
  Minutos depois estavam os dois rindo e brincando juntos novamente...

- Leila e Aluisio foram à Target com as crianças comprar um relógio analógico para a Sophia, que estava aprendendo a ler as horas. Enquanto examinavam com a Sophia várias opções, procurando uma que ela gostasse, que tivesse os números impressos, ponteiros grandes etc., o Lucas olhava produtos na prateleira ao lado. Lá pelas tantas, o Lucas começa a falar com a mãe:
  - Mamãe, eu posso ganhar um relógio também?
  Ao que a Leila, destraída escolhendo, não respondeu.
  - Mamãe, eu posso ganhar um relógio também? Mamãe, eu posso ganhar um relógio também?!
  Finalmente a Leila, sem ter realmente prestado atenção à pergunta, mas já incomodada com a insistência, disse:
  - Pode, pode, Lucas.
  E ele mais do que depressa respondeu (obviamente observando que a mãe tinha respondido distraidamente):
  - Mas Mamãe, sou eu, o Lucas!
  Claro que a mãe caiu na risada ao ver o que tinha feito, e o Lucas... ganhou um relógio.

- A mãe Erica Lima de Paulo estava arrumando o Rodrigo (3) para ir à escola. Ele disse:
  - Mamãe, quero ir para uma *ToysRus* escola.
  - *ToysRus* escola? De onde saiu essa idéia? - respondeu a mãe.
  Ele, rápido:
  - Da minha boca!

- Uma noite, a família da Aline Brito conversava à mesa de jantar, e Luka (6) contou aos pais:
  - Hoje na escola eu falei que minha mãe é mais velha que meu pai.
  - Que bom Luka... - respondeu Aline (um pouco sarcasticamente).
  - Todo mundo perguntou quantos anos você tem. Eu disse *thirty six*.
  - *Thirty six* é o quê em português?
  - Hum..... "Treeeeinta quatro"?
  - HAHAHAHA! Tá bom pra mim, Luka! – respondeu Aline, rindo.
  O filho arrematou:
  - Papi, Mamãe tem "treinta quatro" no Brasil *and thirty-six here. That really makes her almost 100 years-old, right?*

- Isabella (5), filha da Ceci Tramontana, começou a se interessar mais pelo português recentemente, mostrando ter orgulho de falar a língua. Um dia, durante sua primeira semana de estadia na casa dos avós no Brasil (quando Isabella ainda estava tendo dificuldade em falar só português), uma moça passou para entregar umas encomendas e notou que Isabella misturava inglês e português. Dirigindo-se à avó da Isabella, a moça disse:
  - Que legal, ela fala as duas línguas, né?
  A avó respondeu:
  - É, ela fala muito bem inglês e um pouquinho de português.
  Notando que Isabella bufava de indignação, Ceci perguntou:
  - O que foi, filha?!
  Isabella respondeu, com a maior cara de brava:
  - Vovó, eu falo MUITO português e só um pouquinho de inglês!

Receitas de Família

Queijo Parmesão

Muitas de nós, assim como nossos filhos, adoramos queijo. *Yummy!* Nesta edição, teremos três receitas muito boas com queijo parmesão, gentilmente fornecidas por duas mães do MBV.

Uma guarnição gostosa de se fazer e que pode ser usada para se colocar saladas, ou até mesmo enfeitar um prato, é a cestinha de queijo parmesão. Facílima de ser feita, tem uma apresentação chique, dando um toque especial no seu prato mesmo no dia-a-dia.

Sabia que o autêntico queijo parmesão é exclusivamente italiano, da região de Parma? Muitos dos que comemos são "tipo parmesão". A cidade de Alagoa, MG é uma grande produtora desse alimento tão conhecido.

Receitas

Biscotti de queijo parmesão e pimenta do reino

(Flávia Bonfadini)

Rendimento: aproximadamente 36 *biscotti*

Ingredientes:

1 colher de sopa de pimenta-do-reino moída na hora
2 xícaras de farinha de trigo (pode-se usar metade branca e metade integral)
1 colher de chá de fermento em pó
1 colher de chá de sal
1 ¼ xícara de queijo parmesão ralado fino
1 tablete (120g) de manteiga fria sem sal, cortada em cubinhos
3 ovos (reserve 1 para pincelar)
½ xícara de leite

Modo de preparo:

Pré-aqueça o forno a 180ºC (350ºF). Numa tigela grande, misture a farinha, o fermento, o sal, 1 xícara do queijo e ½ colher de sopa de pimenta moída (de preferência triturada com moedor de café ou pilão). Acrescente a manteiga em cubinhos e vá amassando com as mãos até formar uma massa. Bata 2 dos ovos com o leite e acrescente à mistura de farinha, mexendo com um garfo até obter uma massa macia. Transfira a massa para uma superfície enfarinhada e corte ao meio.

Com as mãos bem enfarinhadas, forme cada metade como rolo (em formato de tronco) ligeiramente achatado e transfira para um tabuleiro. Bata um ovo e pincele os troncos, salpicando o restante do queijo e da pimenta por cima. Leve ao forno por cerca de 30 minutos (girando o tabuleiro em 180 graus na metade do cozimento), até que fiquem levemente dourados e firmes. Retire do forno e deixe esfriar por cerca de 10 minutos.

Reduza a temperatura para 150ºC (300ºF). Forme os *biscotti* cortando fatias na diagonal. Retorne-os ao tabuleiro e leve ao forno por mais 30-40 minutos (15-20 minutos de cada lado), até que fiquem dourados e crocantes. Deixe esfriar novamente por cerca de 15 minutos antes de servir ou guardar. Num pote vedado, os *biscotti* duram até 2 semanas.

Cesta de queijo parmesão

(Mônica K. Nader)

Ingredientes:

4 colheres de sopa de queijo parmesão (ralado grosso)

Modo de preparo:

Em fogo baixo, coloque as 4 colheres de queijo parmesão em uma frigideira antiaderente e frite até o queijo dourar na parte de baixo.

Verifique o diâmetro do fundo de sua frigideira e reserve um recipiente de vidro (dependendo do tamanho que queira a cesta), utilizando a metade do tamanho como forma.

Após dourar o queijo, insira a borda do recipiente de vidro bem ao centro da frigideira e vire-a sobre um prato, segurando o pote por baixo. Com as mãos, vá apertando levemente as laterais do queijo para que assuma a forma do recipiente.

Quando esfriar, retire a cesta do pote e recheie com sua salada predileta.

Dica: pode-se também fazer no forno.

Crocante de parmesão

Ingredientes:

1 xícara de parmesão ralado
1 colher de chá de páprica
1 colher de chá de pimenta-do-reino

Preparo:

Pré-aqueça o forno a 350ºF (180ºC). Em uma tigela grande, misture todos os ingredientes. Em uma assadeira (*cookie sheet*) coberta por *parchment paper*, coloque colheradas da mistura de parmesão (2 colheres de sopa cada) a 5 centímetros de separação. Leve ao forno e deixe até o queijo derreter.

Retire do forno e, quando o queijo estiver um pouco mais frio para o toque mas ainda macio suficiente para modelar, retire da forma e forme como uma casca de taco.

Dica: mesmo que não se acerte o ponto de moldar, o crocante, mesmo redondo e chato, ainda fica bonito na comida.

Você tem outras dicas ou interesses relacionados à culinária? Opiniões, sugestões ou receitas?
Enviem um e-mail para Monica Nader (monica.nader@verizon.net)

Cantinho Literário

Escutatória (Rubem Alves)

Sempre vejo anunciados cursos de oratória. Nunca vi anunciado curso de ***escutatória***.
Todo mundo quer aprender a falar... Ninguém quer aprender a ouvir.
Pensei em oferecer um curso de escutatória, mas acho que ninguém vai se matricular.
Escutar é complicado e sutil.
Diz Alberto Caeiro que: "Não é bastante não ser cego para ver as árvores e as flores; é preciso também não ter filosofia nenhuma".
Filosofia é um monte de idéias, dentro da cabeça, sobre como são as coisas.
Para se ver, é preciso que a cabeça esteja vazia.
Parafraseio o Alberto Caeiro: não é bastante ter ouvidos para ouvir o que é dito.
É preciso também que haja silêncio dentro da alma.
Daí a dificuldade: a gente não agüenta ouvir o que o outro diz sem logo dar um palpite melhor...
Sem misturar o que ele diz com aquilo que a gente tem a dizer.
Como se aquilo que ele diz não fosse digno de descansada consideração...
E precisasse ser complementado por aquilo que a gente tem a dizer, que é muito melhor.
Nossa incapacidade de ouvir é a manifestação mais constante e sutil de nossa arrogância e vaidade.
No fundo, somos os mais bonitos...
Tenho um velho amigo, Jovelino, que se mudou para os Estados Unidos estimulado pela revolução de 64.
Contou-me de sua experiência com os índios: reunidos os participantes, ninguém fala.
Há um longo, longo silêncio. Vejam a semelhança...
(Os pianistas, por exemplo, antes de iniciar o concerto, diante do piano, ficam assentados em silêncio...
Abrindo vazios de silêncio... Expulsando todas as idéias estranhas.)
Todos em silêncio, à espera do pensamento essencial. Aí, de repente, alguém fala.
Curto. Todos ouvem. Terminada a fala, novo silêncio.
Falar logo em seguida seria um grande desrespeito, pois o outro falou os seus pensamentos...
Pensamentos que ele julgava essenciais.
São-me estranhos. É preciso tempo para entender o que o outro falou.
Se eu falar logo a seguir... São duas as possibilidades.

Primeira: fiquei em silêncio só por delicadeza.
Na verdade, não ouvi o que você falou.
Enquanto você falava, eu pensava nas coisas que iria falar quando você terminasse sua (tola) fala.
Falo como se você não tivesse falado.
Segunda: ouvi o que você falou. Mas, isso que você falou como novidade eu já pensei há muito tempo.
É coisa velha para mim. Tanto que nem preciso pensar sobre o que você falou.
Em ambos os casos, estou chamando o outro de tolo. O que é pior que uma bofetada.
O longo silêncio quer dizer: estou ponderando cuidadosamente tudo aquilo que você falou.
E, assim vai a reunião.
Não basta o silêncio de fora. É preciso silêncio dentro. Ausência de pensamentos.
E aí, quando se faz o silêncio dentro, a gente começa a ouvir coisas que não ouvia.
Eu comecei a ouvir.
Fernando Pessoa conhecia a experiência...
E, se referia a algo que se ouve nos interstícios das palavras... No lugar onde não há palavras.
A música acontece no silêncio. A alma é uma catedral submersa.
No fundo do mar - quem faz mergulho sabe - a boca fica fechada. Somos todos olhos e ouvidos.
Aí, livres dos ruídos do falatório e dos saberes da filosofia, ouvimos a melodia que não havia...
Que de tão linda nos faz chorar.
Para mim, Deus é isto: a beleza que se ouve no silêncio.
Daí a importância de saber ouvir os outros: a beleza mora lá também.
Comunhão é quando a beleza do outro e a beleza da gente se juntam num contraponto.

Dicas de Português

Acordo Ortográfico do Português

O acordo ortográfico é um assunto muito importante a se tratar, sobretudo agora com tantas mudanças gramaticais. Brasileiros que vivem em outros países precisam ficar atentos às mudanças, pois o português é a sua língua materna e muitos vivem há tantos anos no exterior que acabam até se esquecendo da sua língua nativa. O objetivo desse tema no Pracinha é ajudar a esses brasileiros que estão fora do Brasil a mantê-los atualizados com as novas regras, podendo assim ensinar a seus filhos com muito mais segurança essa língua tão bonita e fascinante.

A reforma ortográfica proporcionará maior visibilidade ao idioma. Você sabia que a língua portuguesa é a sétima língua mais falada no planeta? Ao todo são cerca de 230 milhões de falantes, a maioria no Brasil com 185 milhões de habitantes. Apesar de ser língua oficial em oito países, existem apenas duas variantes de ortografia, a brasileira e a portuguesa. As mudanças atingem 0,5% das palavras no Brasil, enquanto em Portugal, 1,6% das palavras.

O Pracinha focalizará em quatro novas regras da gramática em cada edição. É necessário falar sobre esse assunto pouco a pouco para que todos possam se familializar melhor com as mudanças do acordo ortográfico do Português.

As mudanças são:

1. Antes o alfabeto tinha 23 letras; agora tem **26** com a adição das letras **K, W e Y.**
2. O trema desaparece em todas as palavras como **frequente, linguiça, aguentar.**
3. Some o acento agudo dos ditongos abertos **éi** e **ói** das palavras paroxítonas (as que têm a penúltima sílaba mais forte), como **europeia, ideia, heroico, apoio, boia, asteroide, Coreia, estreia, joia, plateia, paranoia, jiboia, assembleia**. O acento continua em palavras como **herói, papéis** e **troféu,** pois elas têm a última sílaba mais forte, e não a penúltima.
4. Some o acento no **i** e **u** depois de ditongos (junção de duas vogais) em palavras paroxítonas, como **Baiuca, Bocaiuva, feiura**. Em palavras onde as letras **i** ou **u** formam a última sílaba após um ditongo, o acento continua, como em **Tuiuiú** e **Piauí.**

Espaço de Leitora

Dia internacional da Mulher: onde temos mais razões para comemorar?
Por Rita Roque

Há alguns meses, uma reportagem apresentada pela jornalista Mônica Leitão no programa Bom Dia Brasil me chamou a atenção: **"Mulheres querem mais tempo para trabalho".** Na verdade, o artigo gira em torno do aumento no consumo de comida pronta (congelada) no Brasil. A velha história: mulheres que trabalham "fora" também trabalham "dentro" da casa, ou seja, têm dupla jornada de trabalho. Esse artigo me fez lembrar de uma amiga dos tempos de universidade. Ela fazia o curso noturno de história e dava aulas em uma escola de primeiro grau durante o dia, e vivia procurando aulas extras. Ela era solteira, não tinha filhos e tinha em casa toda a parafernália eletrônica que não é tão comum no Brasil quanto aqui: máquina de lavar e secar roupas, lavadora de pratos, etc. E ela sempre dizia: "Vocês acham que eu tenho essa parafernália toda para me dar mais tempo para me divertir? Não, é para me dar mais tempo para trabalhar mais e ganhar mais dinheiro."

Esse assunto me veio novamente à cabeça com a celebração do Dia Internacional da Mulher. Acho que essa data é uma boa oportunidade para nos perguntarmos: o que temos para comemorar neste dia? O que gostaríamos de incluir na nossa comemoração nos próximos anos? Onde temos mais razões para comemorar: aqui nos EUA ou no Brasil?

O assunto *"dá pano pra manga"* e por isso mesmo gostaria de me deter ao mundo do trabalho e, dentro deste mundo, duas questões específicas que já me tiraram o sono: políticas de apoio à maternidade e a diferença salarial.

No que diz respeito aos direitos trabalhistas da mulher mãe, surpreendentemente, temos mais razões para comemorar no Brasil do que aqui. Nas minhas conversas com outras mães do MBV, que trabalham fora de casa ou não, nunca encontrei uma mãe que dissesse que é mais fácil ter filhos aqui nos Estados Unidos do que no Brasil. Quanto à educação, a coisa muda de figura... Mas parece que há um consenso quanto às dificuldades que enfrentamos enquanto mães neste país.

Com certeza, todas nós temos uma história para contar sobre essas dificuldades. E eu vou falar um pouco da minha como exemplo. Tive meus dois filhos aqui nos Estados Unidos e passei por duas experiências: não trabalhar fora durante os dois primeiros anos de Pedro e voltar rapidamente ao trabalho quando Enzo nasceu. Fui muito privilegiada porque tive ajuda dos meus pais nas duas vezes. Com Enzo, meu pai veio depois de dois meses, quando voltei a trabalhar, mas mesmo com toda a ajuda dele, passei por uma situação muito difícil em relação à amamentação. Neste momento, comecei a entender a pergunta das americanas durante minha primeira gravidez: "Você vai amamentar?" Eu não via nenhum sentido na pergunta porque sempre pensei na amamentação como algo natural, que não se faça escolhe, a menos que haja um problema de saúde envolvido. Enfim, eu tinha que tirar leite entre uma aula e outra (contando com a boa vontade dos alunos para ter alguns minutos extras), sentada em uma cadeira encostada na porta para que ninguém entrasse, fechar todas as persianas da sala e fazer o mais rápido possível. No Brasil, eu não passaria por este tipo de situação. Como sabemos, a mulher tem os quatro primeiros meses de licença-maternidade pagos integralmente, podendo chegar até seis meses, dependendo da empresa. No caso das mulheres que trabalham para o governo federal, elas já têm seis meses de licença-maternidade garantidos por lei. Caso a prorrogação não aconteça, a mãe tem direito a dois intervalos de meia hora para amamentação até que o bebê complete seis meses. Para nós que somos mães aqui neste país, acho que a minha história ilustra bem o que passamos por aqui. Não quero negar com isso que temos um grande caminho pela frente no que diz respeito a políticas que ajudem a conciliar a mulher "mãe profissional"- mas ainda assim, temos mais razões para comemorar as leis trabalhistas das mulheres em relação à maternidade no Brasil do que aqui.

Infelizmente, como nada é perfeito, o nosso "Paraíso Tropical" não nós dá muitas razões para comemorar no que se refere às diferenças salariais entre homens e mulheres. Vergonhosamente, o Brasil lidera o ranking de maior diferença salarial no mundo, de acordo com estudo publicado no ano passado pela Confederação Internacional dos Sindicatos. Segundo dados do artigo, no Brasil, as mulheres recebem em média 34% menos do que os homens em cargos equivalentes. O segundo lugar fica com a África do Sul (33%), seguida pelo México com 29,8%. Nos

Estados Unidos, a diferença é de 20,8% - o que na minha opinião continua bastante alto para um país desenvolvido. O estudo divulgou que, além da diferença salarial, as mulheres continuam tendo menor promoção em suas carreiras. Apesar dos grandes avanços das mulheres em geral no mundo do trabalho, muitas ainda se sentem intimidadas na hora de negociar seu salário ou promoção dentro da empresa. Muitas vezes, essa timidez ou falta de autoconfiança são os maiores obstáculos neste sentido. Conheço casos de profissionais que negociaram e conseguiram melhores salários. Portanto, cabe a nós lutarmos: seja negociando salários, seja apoiando uma amiga que não tem coragem para fazer isso. Caso contrário, nunca diminuiremos essa vergonhosa diferença salarial e, portanto, não poderemos acrescentar essa outra comemoração à nossa lista. Então: **TENTE**!

E isto eu gostaria de incluir na nossa comemoração nos próximos anos: uma menor diferença salarial entre homens e mulheres no Brasil e em todo o mundo. Mas para isso precisamos lutar. E você, o que gostaria de comemorar nos próximos anos no Dia Internacional da Mulher?

Avante companheiras! A luta continua!

Quem é Quem: Comitês e Projetos do MBV

Ação Social Brasil – ASB: Alessandra Blasquez, Cristiane Crozat, Janete Callahan, Kellen Mello, Luciana Marques, Maria Tereza Souza, Mariane Garbaliauskas, Marina Farias e Wandira Schierloh
Aulas de Português: Marcia Loureiro, Ana Lúcia Lico, Leila e Kathy
Bem-estar-TPM: Sandra Magnani e Simone Dalla Costa
Biblioteca e Videoteca: Adriana Galvão
Boas-vindas e Convites: Dani Silva, Monica Nader e Janete
Consultora de Festa: Cristiane Zanardi
Co-op: Ana Lúcia Lico e Leila
Consultoras para Assuntos Gerais: Ana Lucia Lico e Janete
Encontros bimestrais do grupo: Luiza e Mabel
Festas: cada festa tem seu comitê
Identidade Cultural: Ana Lucia Lico e Fernanda
Jornal:
Texto de Abertura: Janete
Perfil: Denise
Notícias do Grupo: Janete e Kellen Mello
Coisas de Criança: Ceci
Cantinho Literário: Aline
Receitas de Família: Monica Nader
Espaço da leitora: Fernanda Black e participação do grupo
Classificados: Fernanda Black
Diagramação: Kahoru
Revisão: Ceci
PDF: Aline
Phone Book: Janete
Playgroups: Janete

Se você está interessada em participar de algum comitê ou projeto do grupo, por favor entre em contato com as pessoas relacionadas acima. Toda colaboração é sempre muito bem-vinda.

Classificados

A Wandira está vendendo uma cama idêntica à da foto acima. Preço: $100 (o valor arrecadado com a cama vai para o ASB)
Interessadas devem entrar em contato com a a Mariane Garbaliauskas (a cama está na casa dela) e terá que combinar com ela o pagamento e a retirada. O telefone da Mariane é 571-257-9673 e 202-841-1349.

Ale Blazquez Congelados - *Catering*

Cozinho deliciosos congelados para sua conveniência!
Doces e salgados, cardápio variado, internacional.
Também ofereço serviço de *catering* para festas, jantares e ocasiões especiais!
Aprovado pelo MBV!
Maiores informações:202-725-2140
teoblazquez@aol.com

Deliciosa linha de salgadinhos, docinhos e pães-de-queijo que fazem a festa da garotada!
Aprovadas pelo USDA e FDA, saem do forno fresquinho como se feitos na hora!
Aprovada pelo MBV, a linha Starbites pode ser encontrada à venda nos supermercados *Whole Foods*, *Harris Teeter*, nos mercadinhos portugueses ou *online*.
Confira o nosso Brasileirissimo cardápio e mate as saudades da terrinha!
Visite nosso site. Se voce é um *caterer,* entre em contato conosco.

www.starbites.com (web site)

http://store.starbites.com/ (loja virtual)

Se você quer anunciar uma venda/compra, empréstimo ou mesmo o seu negócio, envie um mail para feblack2004@yahoo.com.br